

## **Avaliação do perfil de usuárias de anticoncepcionais e seus efeitos em uma comunidade universitária de Foz do Iguaçu– PR**

### **Evaluation of the profile of contraceptive users and their effects in a university community of Foz do iguaçu- pr**

DOI:10.34119/bjhrv6n6-011

Recebimento dos originais: 01/10/2023

Aceitação para publicação: 01/11/2023

#### **Bruna Gomes da Luz**

Graduanda em Farmácia

Instituição: Centro Universitário Descomplica União das Américas

Endereço: Av. Das Cataratas, 1118, Vila Yolanda, Foz do Iguaçu – PR, CEP: 85853-000

E-mail: bruninhacap123@gmail.com

#### **Iara Natália Afonso Florentino**

Graduanda em Farmácia

Instituição: Centro Universitário Descomplica União das Américas

Endereço: Av. Das Cataratas, 1118, Vila Yolanda, Foz do Iguaçu – PR, CEP: 85853-000

E-mail: iaraflorentino25@gmail.com

#### **Jean Colacite**

Mestre em Análises Clínicas

Instituição: Centro Universitário Descomplica União das Américas

Endereço: Av. Das Cataratas, 1118, Vila Yolanda, Foz do Iguaçu – PR, CEP: 85853-000

E-mail: jean.colacite@descomplica.com.br

#### **Layse Fernanda Antonio de Souza**

Mestre em Saúde Pública em Região de Fronteiras

Instituição: Centro Universitário Descomplica União das Américas

Endereço: Av. Das Cataratas, 1118, Vila Yolanda, Foz do Iguaçu – PR, CEP: 85853-000

E-mail: layse\_fas@hotmail.com

### **RESUMO**

Os anticoncepcionais são os métodos contraceptivos reversíveis mais disponíveis, eficientes e os mais utilizados no mundo. O uso de anticoncepcionais hormonais orais (ACO's) podem trazer diversos benefícios, entretanto, como qualquer outro medicamento, os ACO's também podem causar inúmeras reações adversas. Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o perfil epidemiológico sobre anticoncepcionais de mulheres pertencentes a uma comunidade acadêmica. Ao finalizar o processo de recrutamento, houve no total 170 participantes, com maior predominância nas idades de 18 a 24 anos. Dentre os benefícios destaca-se a regulação do ciclo (36.25%), contracepção (20.46%) e melhora da cólica e tensão pré-menstrual (TPM) (19.88%). Os principais efeitos adversos foram alterações da libido (42.10%), dor de cabeça (36.84%) e alterações de humor (34.50%). Nas consultas médicas é imprescindível que o profissional esteja sempre atualizado sobre os riscos do uso de ACO's e estejam sempre dispostos a adequar os métodos contraceptivos de acordo com a necessidade e particularidade de cada mulher.

**Palavras-chave:** anticoncepcionais, efeitos adversos, trombose, fatores de risco.

## ABSTRACT

Contraceptives are the most available, effective and widely used reversible methods of contraception in the world. The use of oral hormonal contraceptives (OCP's) can bring many benefits, however, like any other medication, OCP's can also cause numerous adverse reactions. The aim of this study is to describe and analyze the epidemiological profile on contraceptives of women belonging to an academic community. At the end of the recruitment process, there were a total of 170 participants, most of whom were aged between 18 and 24. Among the benefits were cycle regulation (36.25%), contraception (20.46%) and improvement in cramps and premenstrual tension (PMS) (19.88%). The main adverse effects were changes in libido (42.10%), headaches (36.84%) and mood swings (34.50%). In medical consultations, it is essential that the professional is always willing to adapt contraceptive methods according to the needs and particularities of each woman.

**Keywords:** contraceptive agents, adverse reactions, thrombosis, risk factors.

## 1 INTRODUÇÃO

Os anticoncepcionais são os métodos contraceptivos reversíveis mais disponíveis, eficientes e os mais utilizados no mundo. Podemos classificar os métodos contraceptivos como reversíveis ou irreversíveis. Os métodos irreversíveis decorrem de uma intervenção cirúrgica, e já os métodos reversíveis podem ser por medicamentos hormonais ou métodos de barreira. Os contraceptivos reversíveis são os mais consumidos, pois, permite a mulher escolher quando cessar o uso, possuem maior praticidade, baixo custo e maior acessibilidade (Almeida *et.al*, 2017; De Oliveira *et.al*, 2019; Olsen *et.al*, 2018).

A eficácia do contraceptivo hormonal se dá pela capacidade de inibir a ovulação e alterar características no endométrio e muco cervical, evitando a gravidez. Esses métodos são utilizados, então, principalmente na prevenção de uma gestação, porém, podem apresentar outros benefícios para a saúde da mulher. Existem diferentes tipos de contraceptivos disponíveis no mercado, que devem ser escolhidos de acordo com as necessidades e características de cada paciente (Almeida *et.al*, 2017; De Oliveira *et.al*, 2019).

Os métodos de contracepção hormonal são os mais utilizados atualmente pelas mulheres. Estima-se que, no Brasil, 23% das mulheres em idade reprodutiva utilizam anticoncepcionais hormonais. Esse método leva esse nome devido à sua composição à base de uma progesterona ou uma associação com um estrógeno, que inibem a ovulação. Além do mais, possuem maior diversidade em sua forma de administração: oral, intramuscular, implantes subdérmicos, transdérmico, vaginal e associado a um sistema uterino (De Oliveira *et.al*, 2019; Dos Santos *et.al*, 2021, Morais *et.al*, 2019).

O uso de anticoncepcionais hormonais orais (ACO's) é a forma de contracepção mais aderida, sendo um dos medicamentos mais prescritos devido à sua confiabilidade e eficácia na prevenção de gravidez indesejada (99.9%), na praticidade e facilidade de acesso. Além disso, também podem trazer outros diversos benefícios como a diminuição do fluxo menstrual e a dismenorreia, melhora dos sintomas pré-menstruais, endometriose, redução da acne e do hirsutismo, além da diminuição do risco da ocorrência de cistos ovarianos, câncer de ovário e câncer endometrial e da possibilidade da diminuição da incidência de gravidez ectópica (tubária) e doença inflamatória pélvica (DIP) (Almeida *et.al*, 2017; De Oliveira *et.al*, 2019; Silva *et.al*, 2021).

Entende-se por efeito colateral ou reação adversa qualquer reação farmacológica que não está relacionada à ação principal de um fármaco. Desta forma, assim como qualquer outro medicamento, os ACO's também podem causar inúmeras reações adversas, sendo as mais comuns: a irregularidade do ciclo menstrual, a ausência e/ou diminuição do fluxo menstrual, mudanças de humor, cefaleia, tonturas e irritabilidade; também são observados sintomas como náuseas, vômitos, alterações de peso e também são agregados a casos de trombose arterial, pois seu uso pode causar aumento da reatividade plaquetária e danos no endotélio (Callai *et.al*, 2017).

Quanto a informações referentes ao uso de ACO's, achados literários demonstram que mulheres com maior poder aquisitivo e alto nível de escolaridade possuíam mais conhecimento a respeito dos ACO's em comparação com as de renda baixa e pouca escolaridade, entretanto sobre as complicações causadas quanto ao uso prolongado ou de maneira inadequada, ambos os perfis não possuem entendimento a respeito. Outro estudo obteve resultados em que a minoria das mulheres participantes do estudo tinha conhecimento sobre a oferta de muitos dos métodos contraceptivos na rede pública (De Santana *et.al*, 2022; Barreto *et.al*, 2021).

Diante do que foi exposto acerca dos riscos e benefícios do uso do anticoncepcional hormonal oral, este trabalho teve como objetivo descrever e analisar o perfil epidemiológico sobre anticoncepcionais de mulheres pertencentes a uma comunidade acadêmica de um Centro Universitário de Foz do Iguaçu, Paraná.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal e descritivo sobre o uso de anticoncepcionais e seus efeitos em uma comunidade universitária. Os critérios de inclusão foram indivíduos do sexo feminino, usuárias de anticoncepcionais e com idade entre 18 e 45 anos, período de fertilidade da maioria das mulheres.

A participação da pesquisa foi mediante ao preenchimento de questionário semiestruturado no Google Forms, a qual foi disponibilizado nos meios de comunicação da comunidade acadêmica, através de divulgações em grupos de mensagens. A coleta de dados ocorreu no mês de maio de 2023. O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UTF-PR Campus Medianeira e aprovado de acordo com o parecer número 6.027.269.

Os dados foram tabulados e processados em planilha no programa Windows Microsoft Excel®. Para a caracterização dos indivíduos participantes foi utilizada a estatística descritiva.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao finalizar o processo de recrutamento, houve no total 177 respostas, das quais sete foram desconsideradas nos resultados por não estarem de acordo com os critérios de inclusão para a pesquisa, resultando em 170 participantes. As idades das participantes foram entre 18 a 45 anos com maior predominância entre 18 a 24 anos (69.62%), com uma média geral de 23 anos, resultados semelhantes com outros estudos. Em uma pesquisa feita por de Moraes e colaboradores (2018), cujo objetivo era realizar um diagnóstico sobre a quantidade e o tipo de informações que as usuárias de anticoncepcionais hormonais possuem sobre essa classe de medicamentos, as idades das participantes ficaram entre 18 a 40 anos.

Em outro estudo que se assemelha na temática, predominou-se a faixa etária entre 23 e 25 anos em um total de 205 questionários respondidos (Siqueira *et. al*, 2017). Já outro artigo na qual o intuito era descrever o perfil das usuárias de anticoncepcional oral em uma Unidade de Saúde e seus conhecimentos sobre o método, as idades das respondentes ficaram entre 16 e 39 anos, com quase 70% mulheres com até 25 anos de idade e com uma média de 24 anos (Menezes *et.al*, 2013).

Achados literários de Carvalho e colaboradores (2019) mostraram que a prevalência dos contraceptivos orais e injetáveis era aproximadamente 33% entre as mulheres de 15 a 49 anos, sendo residentes em áreas urbanas do país. De acordo com o estudo de Sousa e colaboradores (2021), que tem por objetivo analisar os efeitos colaterais dos contraceptivos hormonais no organismo feminino e o contexto histórico relacionado a esta classe medicamentosa com a evolução da assistência à saúde da mulher no Brasil, dentre os fatores que justificam o aumento de uso de ACO's é a progressiva evolução dos direitos sexuais, reprodutivos e da saúde da mulher. Essas seriam as respostas das mudanças globais, que promovem modificações profundas em estruturas demográficas da sociedade brasileira, como a fecundidade, além do

acesso das mulheres a métodos contraceptivos e em seu ingresso cada vez maior no mercado de trabalho e no meio político.

Os resultados do atual estudo expõem que o uso da pílula oral é o método contraceptivo mais utilizados pelas mulheres (80.75%) e o principal motivo pelo uso da pílula oral é a contracepção (61.40%). Achados literários de Siqueira e colaboradores (2017) e De Moraes e colaboradores (2018) afirmam os mesmos padrões de resultados. A atual pesquisa quando comparada com os estudos já citados demonstra prevalência em idades entre 18 a 25 anos. Dentre os fatores que podem explicar o uso de ACO's nesta faixa etária, em primeiro lugar está o uso para tratamentos hormonais em geral, seguido do planejamento familiar e contracepção. O anticoncepcional hormonal oral é um dos métodos mais utilizados no Brasil. Isso ocorre devido à eficácia desse medicamento, pela facilidade de acesso, pela praticidade, por não interferir na vida sexual e pela segurança (Almeida *et.al*, 2020).

Na atual pesquisa, quando perguntadas se usam anticoncepcional a partir de prescrição médica, 72.9% responderam positivamente. Resultado que corrobora com os achados de Souza e colaboradores (2016), na qual grande parte das participantes procuraram o profissional médico para a indicação do método.

Sobre o tempo de uso de anticoncepcional, 10.52% relataram que faziam uso há menos de três meses, 11.11% faziam uso há mais de seis meses, 60.23% faziam uso há mais de um ano e 18.12% usavam há cinco anos ou mais. Quando comparada essa questão com outros achados literários houve variações nos resultados. Na pesquisa feita por Siqueira e colaboradores (2017), a maioria das mulheres (70.45%) utiliza o método há mais de quatro anos. No estudo de Da Silva Barbosa e colaboradores (2022), que trata-se de uma pesquisa analítica, a qual tem por objetivo avaliar o padrão do uso de medicamentos anticoncepcionais orais por mulheres e especificamente a ocorrência de reações adversas decorrentes do uso destes medicamentos, a maioria (65.4%) das participantes utilizam o método há cerca de 5 a 10 anos. E em outro estudo da área, a maioria das participantes afirmou utilizar o ACO há menos de um ano (de Souza *et.al*, 2016).

Em relação ao tempo de uso de ACO's, o estudo feito por Gonçalves e colaboradores (2019), que tem por objetivo buscar informações sobre os dados a saúde que foi desencadeada devido ao uso prolongado de contraceptivos, analisando a situação das mulheres tomando como base as informações encontradas na literatura científica, relata que para que não aconteçam casos de problemas de saúde decorrentes do uso prolongado de contraceptivo, é ideal que não se faça uso de contraceptivo hormonal precocemente, tendo em vista que existem outros métodos que são de menor risco à saúde. É importante que a mulher procure orientação

profissional antes do uso do contraceptivo hormonal pois se a mulher tem predisposição genética para hipertensão e câncer de mama, o acompanhamento será importante para evitar o surgimento de tromboembolismo, visto que representa o risco mais frequente dos ACO's (Gonçalves *et.al*, 2019).

A maioria dos anticoncepcionais orais utilizados pelas participantes possuem combinação de dois hormônios, sendo os mais usados os que contém etinilestradiol, ciproterona e drospirenona, correspondendo a 60.14% na atual pesquisa. As pesquisas realizadas por Siqueira e colaboradores (2017) e Da Silva Barbosa e colaboradores (2022) também obtiveram os mesmos hormônios como os principais utilizados.

Achados literários demonstram que as mulheres que tomam contraceptivos orais combinados que contêm drospirenona, desogestrel, gestodeno e ciproterona tem um risco de trombose venosa quadruplicado em relação àquelas que não tomam pílula. O risco tromboembólico é quase duplicado (1.5 a 1.8 vezes superiores) em relação às mulheres que tomam contraceptivos orais de estrogênio mais antigos, que contêm levonorgestrel, noretisterona ou norgestimata (Da Silva *et.al*, 2019).

No atual estudo, quando perguntadas se fazem acompanhamento com o ginecologista, 2.92% das entrevistadas realizam semestralmente, 60.81% acompanham anualmente, 14.61% relataram dois anos ou mais e 25.14% dizem não fazer acompanhamento. Em Da Silva Barbosa e colaboradores (2022), mais da metade das participantes assinalaram terem ido ao ginecologista há menos de seis meses, 46.75% vão entre um a dois anos e 23.81% não possuem acompanhamento. Já o estudo de De Moraes e colaboradores (2018), consta-se que a maioria (70%) das participantes relataram frequentar o ginecologista uma vez a cada 2 anos.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), as consultas ao ginecologista para fins preventivos devem ser feitas uma vez ao ano, o que corresponde ao relato da maioria das participantes. Conforme as Diretrizes Clínicas da Ginecologia (2021), é de suma importância o atendimento periódico com o ginecologista pois este profissional tem como principal foco realizar a prevenção, acompanhamento, diagnóstico e tratamento de diversas doenças que envolvem a saúde da mulher.

Todavia, pelo menos um quarto das participantes disseram não fazer acompanhamento de ginecologista, o que pode implicar em riscos pois o uso de anticoncepcionais sem acompanhamento adequado pode resultar em um uso inadequado, trazendo um aumento nas chances de desenvolver doenças como a trombose venosa profunda, infertilidade, náuseas, dores de cabeça e dentre outros problemas de saúde que são causados pela concentração de hormônios ingeridos. Diante dessa situação as mulheres que fazem uso sem acompanhamento



médico estão sujeitas a correr estes riscos de saúde por não terem clareza sobre o medicamento em questão (Alencar *et.al*, 2022).

A utilização de anticoncepcionais orais também pode vir acompanhada de vários benefícios como: ciclos menstruais mais regulares, alívio da tensão-pré-menstrual e do fluxo exagerado; redução de casos de doença inflamatória pélvica; inibição da ovulação e consequente redução do número de casos de gravidez ectópicas; diminuição do risco de câncer endometrial e de câncer de ovário, além da melhora relativa da acne (Almeida *et.al*, 2017).

Dentre os benefícios relatados pelas usuárias nesta pesquisa, destaca-se a regulação do ciclo (36.25%), contracepção (20.46%), melhora da cólica e tensão pré-menstrual (TPM) (19.88%), melhora da acne (19.88%) e redução do fluxo (15.78%). Em Da Silva e colaboradores (2022), os sintomas relatados pelas entrevistadas foram semelhantes, contudo, superiores, uma vez que 75.6% das mulheres que fazem ou fizeram uso de anticoncepcionais perceberam melhora na regulação do ciclo menstrual, 67.6% relataram diminuição do volume e duração da menstruação, 63.1% alegaram melhora da acne e 44.6% informaram melhora da dismenorreia.

Entretanto, como qualquer outro medicamento, os anticoncepcionais orais possuem efeitos adversos, e dentre eles, pode ser citado: alterações metabólicas, imunológicas, nutricionais, psiquiátricas, vasculares, gastrintestinais, hepatobiliares, cutâneo-subcutâneas, distúrbios do Sistema Nervoso Central (SNC) e do Sistema Reprodutor. Além disso, contraceptivos orais podem causar sintomas como: aumento de peso decorrente do aumento exagerado de apetite, depressão, exaustão, cansaço, queda da libido, aparecimento de cravos e espinhas, crescimento das mamas, elevação do colesterol LDL, redução do HDL e prurido, sendo resultantes dos efeitos progestagênicos. A combinação dos progestagênicos e estrogênicos causa maior sensibilidade mamária, dor de cabeça, aumento da pressão arterial e infarto agudo do miocárdio (Almeida *et.al*, 2017).

Os efeitos adversos que foram relatados pelas participantes da pesquisa foram: alterações da libido (42.10%), dor de cabeça (36.84%), alterações de humor (34.50%), ganho de peso (27.48%), retenção de líquido (25.73%), alterações de fluxo (23.97%), náuseas e vômitos (22.80%) e acne (15.20%). A pesquisa feita por Da Silva e colaboradores (2022) demonstrou que o principal motivo que levou as mulheres a descontinuar o uso ACO's foram os efeitos colaterais, que correspondeu a 75.7%, o que resulta em menor adesão ao uso de anticoncepcionais entre as mesmas. De modo geral, os efeitos adversos seguem um padrão em comparação com outras pesquisas encontradas na literatura, principalmente os sintomas de dor

de cabeça, alterações da libido, alterações de humor, ganho de peso, náuseas e vômitos (Da Silva Barbosa *et.al*, 2022; Da Silva *et.al*, 2022; Siqueira *et.al*, 2017).

O uso de anticoncepcionais orais também pode estar relacionado a trombose venosa profunda (TVP), e visto que, quando as participantes foram perguntadas se já apresentaram algum problema na coagulação, 9.6% das participantes alegaram positivamente, e 36.2% alegaram não saber, e isso pode ser um risco em potencial para as usuárias de ACO's. Em estudos foi evidenciado que o uso de anticoncepcionais orais combinados, mesmo de baixa dosagem, está associado a maior risco de trombose arterial e venosa e que a incidência de TVP também foi maior em usuárias de anticoncepcionais orais em comparação com as não usuárias (Callai *et.al*, 2017).

O tabagismo também foi relacionado ao aumento do risco de trombose arterial. Em um estudo feito por Pomp e colaboradores (2008) foi evidenciado que mulheres fumantes em uso de ACO's tiveram um risco 8.8 vezes maior do que não fumantes que não usaram ACO's (Callai *et.al*, 2017).

A trombose venosa profunda é uma doença que se caracteriza pela formação de coágulos em veias profundas, geralmente acometendo os membros inferiores, podendo os fatores de risco serem hereditários ou adquiridos. A relação entre a TVP com os anticoncepcionais orais é pela sua formulação que há estrogênio e progesterona. Esses hormônios causam efeitos sobre os vasos sanguíneos, devido à existência de receptores desses constituintes nas camadas das artérias, veias e capilares. A TVP atinge aproximadamente 10 milhões de mulheres em todo o mundo. No cenário brasileiro, a incidência é de 1 para cada 1.000 pessoas/ano, sendo frequente com o avançar dos anos, sobretudo, na idade reprodutiva. A TVP é uma das reações adversas mais graves que podem ocorrer em usuárias de ACO's, pois as chances de adquirir a doença é de duas a seis vezes maior quando comparado com mulheres que não fazem o uso (Aguilar *et.al*, 2023; Sousa *et.al*, 2018).

O índice de Massa Corporal (IMC) das participantes mostra que a maioria (56.14%) possuem o peso normal, seguido de 23.97% com sobrepeso e 14.61% das participantes possuem algum grau de obesidade. O estudo feito por De Freitas e colaboradores (2018), diz que mulheres com algum grau de obesidade e usuárias de ACO's possuem riscos maiores de desenvolver problemas de saúde como doença arterial coronariana, acidente vascular cerebral e tromboembolismo.

Os componentes hormonais das pílulas podem levar a uma variação do perfil lipídico, tendo como destaque a redução dos níveis de HDL. Além do mais, há relatos de elevação de pressão sanguínea em mulheres previamente normotensas, além de alteração à tolerância a



glicose e aumento dos marcadores inflamatórios como a proteína C reativa. Tais alterações são de suma importância para a saúde da mulher, principalmente ao uso de ACO's e iminência de efeitos colaterais (Dos Santos *et.al*, 2021).

O uso de cigarros e bebidas alcoólicas são fatores de risco importantes para as usuárias de anticoncepcionais orais. Na atual pesquisa 76.30% das participantes relataram nunca terem feito uso de cigarros. Entretanto, 14.7% fazem uso frequentemente e 9% fazem uso esporadicamente. O consumo de bebidas alcoólicas é mais popular entre as participantes, sendo que 47.5% relataram fazer uso frequentemente, 35% esporadicamente e 17.50% nunca fazem uso. Dentre as participantes da pesquisa que fazem uso de pílula de anticoncepcional, 56.52% fazem uso ocasional ou maior de bebidas alcoólicas, 46.37% encontram-se acima do peso; 16.66% fazem uso de cigarros e 11,67% das participantes fazem uso de bebidas, cigarros e estão acima do peso.

Em De Moraes e colaboradores (2018), 69% das participantes relataram não fumar, entretanto 69% afirmaram consumir bebidas alcoólicas mais de duas vezes por mês. Outro artigo demonstrou que 26.41% das participantes afirmaram ser tabagistas e/ou etilistas (Da Silva Barbosa *et.al*, 2022). De acordo com Magalhães e colaboradores (2017) a associação entre ACO's e álcool é descrita na literatura como fator somatório para a ocorrência de AVC, através de possíveis mecanismos como indução de vasculite, ativação plaquetária e embolismo cardíaco. O uso contínuo e prolongado de ACO's associado a grupos de mulheres que são usuárias de álcool, hábitos de tabagismo e que levam uma vida sedentária com maus hábitos alimentares possuem mais fatores de riscos de desenvolver infarto agudo do miocárdio (IAM) e acidente vascular cerebral (AVC) e ainda o desenvolvimento de tumores malignos, como os de ovário e fígado (De Alencar *et.al*, 2019; Dos Santos *et.al*, 2023).

O histórico familiar das participantes é um fator muito importante pois pode indicar se a usuária de ACO's tem mais chances ou não de desenvolver algum efeito colateral ou algum problema crônico de saúde. O histórico de diabetes foi o mais respondido entre as participantes, com o percentual de 57.98%. Outros históricos familiares com maior prevalência foram hipertensão (53.21%), varizes (36.25%) e trombose (12.86%). Apenas 22.22% das participantes relataram não possuir nenhum histórico familiar.

Pesquisas como a de Ferreira e colaboradores (2019) já associam o uso de ACO's hormonais com alterações no metabolismo dos carboidratos, sendo essas alterações a diminuição da tolerância à glicose e o aumento da resistência insulínica. Tais mudanças acabam consequentemente sendo um fator de risco para o desenvolvimento de Diabetes Mellitus tipo 2

(DM) sendo os ACO's um acelerador para doenças do sistema cardiovascular (Dos Santos *et.al.*, 2021).

A pesquisa feita por Dos Santos e colaboradores (2021) demonstra que o uso de ACO's aumenta o risco de eventos vasculares em hipertensas ou em usuárias cuja pressão arterial não foi aferida antes do início do uso. Estas alterações seriam causadas pela presença do estrogênio exógeno na circulação sanguínea (independente da concentração), a qual ativaria os níveis do sistema renina-angiotensina-aldosterona, com consequente retenção de água e sódio.

O etinilestradiol pela sua elevada potência biológica comparado ao estradiol (1.000 vezes mais potente), intensifica a produção de angiotensinogênio, que, por sua vez, causa elevação da pressão arterial pelo sistema renina-angiotensina-aldosterona. Entretanto, não se sabe, até o momento, se os contraceptivos hormonais combinados causam hipertensão ou simplesmente trazem à tona a hipertensão que existe e que eventualmente apareceria de forma espontânea. O mecanismo de desenvolvimento da hipertensão induzida pelos ACO's ainda é desconhecido (Ribeiro *et.al.*, 2018).

#### 4 CONCLUSÃO

Na atualidade, o uso de anticoncepcionais ultrapassa a mera função de contracepção, e dentre os benefícios que os ACO's podem proporcionar está o controle e regulação do ciclo menstrual, melhora da TPM e tratamento da acne. Todavia, assim como outros fármacos, os ACO's podem causar efeitos adversos, sendo os principais nesse artigo alteração da libido, cefaleia, alterações de humor, ganho de peso e retenção de líquido.

O uso concomitante de ACO's com bebidas alcoólicas e cigarros podem propiciar diversos problemas à saúde, principalmente os que afetam a circulação sanguínea. Cigarros e bebidas são um fator de risco importante para o desenvolvimento de tromboembolismo. Houve quase um terço das respondentes afirmando que utilizam o anticoncepcional sem prescrição médica, e um quarto afirmaram não fazer acompanhamento de ginecologista, podendo trazer várias adversidades à saúde das mulheres que utilizam ACO's, pois seu uso sem orientação médica pode promover diversas reações adversas.

Nas consultas médicas é imprescindível que o profissional esteja sempre atualizado sobre os riscos do uso de anticoncepcionais e estejam sempre dispostos a adequar os métodos contraceptivos de acordo com a necessidade e particularidade de cada mulher, se atentando em seu histórico, rotina de vida e preferências. É também indispensável que a mulher tenha informações sobre todas as opções de contracepção disponíveis.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Lorrany Ramos et al. Relação da ocorrência de TVP em mulheres usuárias de ACO: fatores de risco envolvidos na ocorrência de TVP em usuárias de ACO. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 5, p. 19487-19503, 2023.
- ALENCAR, Elisa Miquelino et al. Conscientização dos malefícios do uso irracional de contraceptivos orais. 2022.
- ALMEIDA, Ana Paulo Ferreira de; ASSIS, Marianna Mendes de. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde**, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.
- ALMEIDA, Maria Fernanda Perrut de. Avaliação da qualidade da informação sobre medicamentos anticoncepcionais nos sítios eletrônicos do Brasil. 2020.
- BARRETO, Beatriz Bastos Motta et al. Conhecimento de mulheres em relação aos métodos contraceptivos e ao seu acesso na rede pública. 2021.
- CALLAI, Tássia et al. Tabagismo e uso de anticoncepcionais orais relacionados a fenômenos tromboembólicos: relato de caso e revisão de literatura. **Reprodução & Climatério**, v. 32, n. 2, p. 138-144, 2017.
- CARVALHO, Angelita Alves de. Demanda por contracepção no Brasil em 2006: contribuição para a implementação das preferências de fecundidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 3879-3888, 2019.
- DA SILVA BARBOSA, Talita; COELHO, Matheus Diniz Gonçalves; DE SOUSA, Samara Nonato. Reações adversas decorrentes do uso prolongado de anticoncepcionais orais. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. e52111932073-e52111932073, 2022.
- DA SILVA, Celi Santos; SÁ, Rosiane; TOLEDO, Juliana. Métodos contraceptivos e prevalência de mulheres adultas e jovens com risco de trombose, no campus centro universitário do distrito federal-udf. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 8, n. 2, p. 190-197, 2019.
- DA SILVA, Daniela Diniz Martins et al. Efeitos adversos e a descontinuação do uso de anticoncepcionais orais. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, v. 6, n. 2, p. 22-27, 2022.
- DE ALENCAR, Maria Patrícia Ivo et al. Fatores de riscos associados ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais. **Mostra Científica em Biomedicina**, v. 3, n. 2, 2019.
- DE FREITAS, Ana Beatriz Brito et al. Anticoncepção em portadora de obesidade mórbida: Relato de caso. **Anais da Faculdade de Medicina de Olinda**, v. 1, n. 2, p. 57-60, 2018.
- DE MAGALHÃES, Amanda Valéria Pires; MORATO, Cléssia Bezerra Alves; SANTOS, Giglielli Modesto Rodrigues. Anticoncepcional oral como fator de risco para trombose em mulheres jovens. 2017.
- DE MATTOS, Juliana Mukai. Pílulas anticoncepcionais.

DE MORAES, Taina Prazeres Leal et al. Delineamento de perfil sociodemográfico de usuárias de anticoncepcionais hormonais e seu conhecimento sobre essa classe de medicamentos. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, n. 26, 2018.

DE SANTANA, Débora Alice Lima Costa; SILVA, Larissa Layne Soares Bezerra. Conhecimento feminino referente aos riscos causados pelo uso errôneo dos anticoncepcionais orais. **Revista acadêmica facottur-raf**, v. 3, n. 1, p. 83-95, 2022.

DE SOUZA, Geny Gomes et al. Conhecimento e uso de anticoncepcionais hormonais: o que é certo ou errado? knowledge and use of hormonal contraceptives: what is right or wrong?.

DOS SANTOS, Stefany Valery Gomes et al. Eventos cardiocirculatórios e o uso contínuo de contraceptivos orais na saúde da mulher. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 3, p. 9464-9476, 2023.

DOS SANTOS, Thiago Mendes et al. Os anticoncepcionais orais como fator de risco cardiovascular: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 9, p. e8592-e8592, 2021.

Farias MR, Leite SN, Tavares NUL, Oliveira MA, Arrais PSD, Bertoldi AD, Pizzol TSD, Luiza VL, Ramos LR, Mengue SS. Utilização e acesso a contraceptivos orais e injetáveis no Brasil. *Rev Saude Publica* 2016; 50(Supl. 2):1-10.

FERREIRA, Laura Fernandes; D'AVILA, A. M. F. C.; SAFATLE, Giselle Cunha Barbosa. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. **Femina**, v. 47, n. 7, p. 426-432, 2019.

GONÇALVES, Bruna Silva; DE MOURA GOMES, Glérison. Consequências decorrentes do uso prolongado de Contraceptivos Medicamentosos: Uma Revisão Bibliográfica/Consequences arising from prolonged use of Medication Contraceptives: A Bibliographic Review. **ID online. Revista de psicologia**, v. 13, n. 45, p. 90-101, 2019.

MENEZES, Elisa; HERTER, Mariana; STEIN, Airton. Perfil de usuárias de anticoncepcional oral combinado em uma unidade de saúde e seus conhecimentos sobre o método. **Conselho de Administração**, p. 46.

RIBEIRO, Cristiane Crisp Martins et al. Efeitos dos diferentes anticoncepcionais hormonais nos valores de pressão arterial da mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1453-1459, 2018.

SIQUEIRA, Taciane Christine; SATO, Marcelo Del Olmo; SANTIAGO, Ronise Martins. Reações adversas em usuárias de anticoncepcionais orais. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 14, n. 4, 2017.

SOUSA, Adriane Kelly Alves de et al. Contexto histórico dos anticoncepcionais hormonais e seus efeitos colaterais no organismo feminino: uma revisão bibliográfica. 2021.

Sousa, ICA, Álvares, ACM. A trombose venosa profunda como reação adversa do uso contínuo de anticoncepcionais orais. *Rev. Cient. Sena Aires*. 2018; 7(1): 54-65.